

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## NOS RASTROS DA PERSUASÃO: A RETÓRICA DA SIMPATIA E DA INFERIORIZAÇÃO RACIAL NA ESCRITA DO ABOLICIONISTA JOAQUIM NABUCO

Keicy Salustiano da Silva

Mestranda no Programa de Pós-graduação em História PPGH-UFSC

E-mail: keicyssilva@gmail.com

*Não venho armado de verdades decisivas. Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais. Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas.*

*Frantz Fanon<sup>1</sup>*

Joaquim Nabuco é daqueles sujeitos muito mencionado na história do Brasil, principalmente associado à história da abolição. Desde sua morte em 1910 até a geração atual, foram escritas inúmeras obras sobre sua vida e seus feitos na política considerados por boa parte da historiografia como atos grandiosos. Nabuco era um sujeito branco nascido em uma família da elite, tornou-se “político, militante abolicionista, historiador e pensador social, diplomata” (CAIXETA, 2012, p. 9). Filho e neto de Senador, seu pai José Tomás Nabuco foi um dos mentores da Lei do Ventre Livre de 1871, período em que já se discutia a abolição gradual da escravidão no Parlamento. De origem aristocrata usufruiu dos privilégios reservados à elite escravocrata do oitocentos, durante sua infância viveu em um engenho aos cuidados de sua madrinha Dona Anna Rosa Falcão onde “desde cedo, foi acompanhado por um mestre de primeiras letras, residente no engenho no qual cresceu” (SILVA, 2012, p.74). Na juventude estudou no Colégio Pedro II muito disputado e reservado apenas a elite, uma das instituições mais importantes do Brasil imperial em termos de ensino secundário.

Inúmeras biografias e discursos fúnebres no estilo tradicional descreveram a figura de Nabuco como um sujeito excepcional e “à frente do seu tempo” assim como, libertador da raça negra. Dentre os autores e autora que biografaram os feitos de Joaquim Nabuco por esse viés,

---

<sup>1</sup>FANON, Frantz. Pele negra máscaras brancas. EDUFBA, 2008. p. 25.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estão sua filha Carolina Nabuco (1929), Celso Vieira (1949), Luis Viana Filho (1952) e Gilberto Freyre (1948). Nesse sentido, a construção canonizada e exemplar da figura de Joaquim Nabuco foi aporte para que sua escrita fosse considerada como palavras memoráveis. Essa ideia foi muito bem abordada por Célia Maria Marinho de Azevedo (2001) em um artigo, *Quem precisa de São Nabuco?* em que propõe um olhar crítico para o modo como tem se interpretado a escrita de Joaquim Nabuco. A autora critica as ponderações de historiadores que defendem que a obra de Nabuco deve ser lida sem se atentar para os possíveis comentários de inferiorização das pessoas escravizadas, ou mesmo aquilo que pode ser lido hoje como racismo. Para Célia (2012), este Nabuco que escreveu utilizando termos pejorativos e de inferiorização das pessoas escravizadas, “estava em consonância com o espírito do momento, em que intelectuais como Silvio Romero e Roquette-Pinto queriam “embranquecer” o País (AZEVEDO, 2012, p. 60). Sendo assim, não seria o caso de considerarmos tais comentários apenas como “deslizes”, pelo fato de ele ser uma figura tão afamada

Sobre esse ponto, a historiadora Angela Alonso defende que o termo ‘racista’ não deve ser atribuído ao pernambucano, por considerar que as ciências sociais ainda estavam iniciando a discussão sobre o conceito de ‘raça’. Para a autora, “o que Nabuco tinha, como muitos progressistas do seu tempo, era uma visão hierárquica da sociedade, ele não propugnava igualdade” (ALONSO, 2012, p. 87). Assim, ela atenta para o cuidado em não efetuar “críticas anacrônicas”. A partir disso podemos nos questionar, qual era então a posição das pessoas negras nessa visão hierarquizada de Joaquim Nabuco? Mesmo sabendo que ele não propugnava igualdade, em que lugar da visão hierárquica do abolicionista estavam posicionadas as pessoas escravizadas? E como elas eram descritas por ele?

De fato, não se pode atribuir o termo ‘racismo’ para as palavras de Nabuco, como abordamos o racismo hoje. Contudo, destaca-se que Nabuco fazia parte de uma elite escravocrata e essa história que ele conta é também a história do “outro”, sobre o “outro”, a partir do olhar dele. Em outras palavras, é uma retórica que engendrou também uma marca, uma memória e uma identidade atribuída ao “outro”. Até porque o livro no qual que faremos nossa análise, ainda é uma obra de grande consideração histórica que se mantém como discurso referência quando se trata de abolição no Brasil. Não só o discurso, mas, como falamos, a própria figura de Nabuco se mantém dessa maneira.

A partir dessas considerações, o presente artigo tem como objetivo observar de que forma a retórica da simpatia e da inferiorização racial aparece na escrita do abolicionista

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Joaquim Nabuco, especificamente no capítulo III intitulado “*O mandado raça negra*” e no capítulo IV “*Caráter do movimento abolicionista*”, capítulos que compõem a obra *O Abolicionismo* escrita por Nabuco e publicada pela primeira vez em 1883. Trata-se de um gênero de propaganda abolicionista, em que Nabuco também introduz uma lógica argumentativa com a inserção de dados históricos e argumentos sobre os aspectos sociais, morais e econômicos da sociedade naquela época. Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado que efetua a análise de retórica de todos os capítulos que compõem a obra *O Abolicionismo* (1883) de Joaquim Nabuco. Sendo assim, importa considerar que não é nossa intenção destacar aqui apenas alguns trechos pincelados da escrita do autor e enveredar sobre eles um julgamento, ou juízo de valor sem considerar todo o contexto social e as discussões voltadas aos conceitos de raça e racismo. Tal contexto é exposto de maneira mais aprofundada na dissertação completa. Contudo, para este artigo propomos refletir de que maneira a retórica da simpatia e da inferiorização racial aparece na escrita do autor.

Dialogamos com a ideia de que a retórica da simpatia e da sensibilidade, utilizadas em discursos antiescravistas do século XVIII e XIX, tiveram objetivo de persuasão por meio de uma descrição argumentativa que descrevia acentuadamente os sentimentos e sofrimento das pessoas escravizadas e os males da escravidão. As bibliografias que servirão como referência central às reflexões aqui apresentadas são: *British Abolitionism and the Rhetoric of Sensibility* de Brycchan Carey (2005) e *Tratado Da Argumentação: A Nova Retórica* de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechtstyteca (1996). Carey faz uma análise sobre a retórica sentimental e da simpatia dos abolicionistas britânicos e ou literatos que escreviam com cunho antiescravista.

Como forma de definição, compreende-se a retórica da sensibilidade como uma escrita que contém argumentos utilizados para persuadir um público convencendo-os do sofrimento de determinadas pessoas, e que este sofrimento deve ser aliviado ou exterminado. Acredita-se então no poder da simpatia para que tal público se faça consciente do sofrimento e realize algo para mudá-lo. O autor refere-se aos escritores antiescravistas britânicos, contudo, guardadas as devidas proporções, utilizaremos tal bibliografia pensando que a retórica da sensibilidade e da simpatia no discurso abolicionista, não foi um fenômeno puramente britânico pois é possível que também apareça no discurso de Joaquim Nabuco, sobre o qual desenvolveremos nossa análise.

Também é parte de nossa análise, a percepção dos indícios de expressões de distinção e inferiorização racial considerando os significados que o conceito de racismo tinha para a

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sociedade da época, e como isso se manifesta na escrita de Nabuco. Mesmo sabendo que naquela época não havia a consideração dos conceitos de raça e racismo como hoje os conhecemos, pensamos na possibilidade de identificar na escrita do autor, termos e expressões utilizados para se referir às pessoas escravizadas que, intencionalmente ou não, as encerrava em um discurso de diferenciação e inferiorização.

## **Análise de fonte: as percepções da retórica da simpatia e da inferiorização racial**

No início do capítulo III do livro *O Abolicionismo (1883)* Joaquim Nabuco designa o mandado da raça negra bem como as incumbências do abolicionismo para com o grupo racial. Nas palavras do autor:

O mandato abolicionista [...] Nesse sentido, deve-se dizer que o abolicionista é o *advogado gratuito de duas classes sociais que, de outra forma, não teriam meios de reivindicar os seus direitos, nem consciência deles*. Essas classes são: os escravos e os ingênuos (NABUCO, 2000, p.13, grifos nosso).

Na observação de tais palavras, podemos perceber que autor posiciona o abolicionista como aquele que cumpre o mandato com gratuidade, ou seja, aquele que cede o serviço sem cobrança de pagamento. Perceba que o serviço gratuito é destinado aos que, segundo ele, não teriam outro meio de reivindicar seus direitos de liberdade, nem a consciência deles. Mais adiante no capítulo o autor menciona novamente a raça negra como aqueles que, “não podem ter consciência, ou, tendo-a, não podem reclamar, pela morte civil a que estão sujeitos” (NABUCO, 2000, p. 15). A partir dessas expressões é interessante observar a certeza com que Nabuco descreve a falta de consciência dessas pessoas sobre seus direitos ou forma de reivindicação deles. Aqui os sujeitos escravizados e ingênuos aparecem como desconhecedores dos seus direitos, os quais não teriam outro meio de reivindicá-los senão através do abolicionismo, e do serviço gratuito do abolicionista. Com essa forma narrativa o abolicionista aparece como única “saída” das pessoas escravizadas, única forma de reivindicação. O que soa um tanto curioso frente a um cenário em que já se fazia consciência por toda a população dos levantes das pessoas escravizadas ocorridos ao redor do império brasileiro, com objetivo de reivindicação dos direitos escravistas e da própria liberdade.

A título de exemplo, podemos lembrar que a situação no Brasil não era de tranquilidade e resignação das pessoas escravizadas com relação a emancipação. Maria Helena P. T. Machado vai nos mostrar em sua pesquisa *O Plano e o Pânico* (2010), que a atmosfera no

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Brasil dos anos que antecederam a abolição era de insurreição e movimentações escravas nas fazendas. De 1870 a 1888, foi um período de disseminação das ideias de liberdade e não apenas aquelas pregadas pelo movimento abolicionista, mas também ideias autônomas por parte dos escravos. Mas, a ideia de vitimizar o africano e incitar uma simpatia com seu sofrimento por meio da invocação da moral foi bastante disseminada na sociedade na literatura antiescravista, sobretudo nos séculos XVIII e XIX, pensava-se essas pessoas como necessitadas de tutela, e no contexto do abolicionismo não foi diferente. Para o abolicionista Joaquim Nabuco:

*Aceitamos esse mandato* como homens políticos, por motivos políticos, e assim *representamos os escravos e os ingênuos* na qualidade de brasileiros que julgam o seu título de cidadão diminuído enquanto houver brasileiros escravos, isto é, no interesse de todo o país e no nosso próprio interesse (NABUCO, 2000, p.15. Grifos nosso).

Nas palavras do autor o serviço do abolicionismo aparece como um mandato, ou seja, uma missão aceita pelos que julgam seu título de cidadão diminuído enquanto houver escravidão. Sobre esse ponto, e dialogando com DAVIS (1999), não dá para dizer que o interesse dos abolicionistas era puramente pessoal. Entretanto, com essa narrativa o autor aponta para o encorajamento frente a defesa de um tema de grande polêmica na época, o que relega a ele uma certa visibilidade política, ainda mais por ser um discurso que estava se revelando universal. Na teoria da argumentação, esse pode ser visto como o ‘lugar da autoridade’, que atribui à retórica uma forma deliberativa que determina os lugares de quem escreve vestindo uma argumentação de advogado, político, senhor, pai ou pastor, e que é necessária para convencer o leitor daquilo que está sendo reivindicado (PERELMAN & TYTECA, 1996, p. 347).

Mesmo que historicamente alguns indivíduos foram descritos como seres que tiveram sua liberdade determinada, cerceada, há de se considerar que, se há vida, “mesmo tratando-se de um prisioneiro ou de um escravo” (ELIAS, 2001, p.56), existe uma margem de autonomia em que é possível ao indivíduo decidir a seu favor e assim efetuar uma ação. Essas pessoas que Nabuco descreve como aquelas que não teriam nem consciência dos seus direitos e nem como reivindicá-los, mesmo em condições de escravizadas tinham um grau de decisão sobre si e suas vidas, e a título de exemplo uma delas era o suicídio. “Nas narrativas escravistas e coloniais, há um grande número de relatos que ligam o suicídio ao impacto do racismo e do isolamento” (KILOMBA, 2019, p. 188), e nas condições de vida escrava o ato de suicídio poderia ser uma forma de autonomia. Uma forma de decidir sobre sua própria vida e não ser mais sujeito ao senhor branco. O que pode ser identificado como reivindicação da subjetividade.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para Joaquim Nabuco, esses sujeitos não só não tinham consciência própria como também *doaram* a sua força de trabalho. Com suas palavras:

Por tudo o que significa luta do homem com a natureza, conquista do solo para a habitação e cultura, estradas e edifícios, canaviais e cafezais, a casa do senhor e a senzala dos escravos, igrejas e escolas, alfândegas e correios, telégrafos e caminhos de ferro, academias e hospitais, tudo[...] ***não passa de uma doação gratuita da raça que trabalha à que faz trabalhar*** (NABUCO, 2000, p. 15, grifos nosso).

A palavra doação, escolhida pelo autor, designa o ato ou efeito de doar; transmitir gratuitamente a outrem; transmissão gratuita de bens ou de qualquer quantia ou objeto que constitui a propriedade<sup>2</sup>. Assim autor apresenta ao leitor o trabalho realizado pelas pessoas escravizadas como uma doação, e não como uma servidão forçada muitas vezes debaixo de chicotes e açoites. Doação é algo dado, quando se possui alguma coisa ou alguma propriedade, ao contrário do que ocorria na escravidão o serviço era forçado e não doado, as pessoas escravizadas não possuíam algo que pudessem doar, seus corpos eram propriedades dos senhores, e a máquina de sustentação do sistema de agricultura, mas não havia doação da força de trabalho pois o trabalho era de fato forçado, compulsório (SCHWARCZ, 2018, p. 21-41). Assim tira-se o peso e a violência da escravidão assumindo uma retórica romantizada de uma escravidão branda e parceira das pessoas escravizadas.

É evidente que Nabuco utiliza uma linguagem que se refere aos abolicionistas como promotores da tutela, apadrinhamento, benevolência e proteção frente aos que nada poderiam fazer por si, e isso percorre toda a obra. Assim fica relegado a carga identitária a esse grupo, que historicamente ficou sujeito a uma série de interpretações distorcidas atribuídas por outros, o que também promove a negação do direito de auto representatividade (CAREY, 2005, p.22), e normaliza-se então a necessidade da tutela. A teoria de análise de argumentativa (PERELMAN & TYTECA, 1996) aborda que, quando falamos nos posicionamos a partir de um lugar, esse lugar é sobretudo social e político. Obviamente que a ideia de que se tem hoje de lugar de fala e os conceitos que cercam tal discussão não são os mesmos da época de Nabuco. Contudo, chamamos atenção para pensar que o lugar social que Nabuco ocupava aparece na sua escrita, e assim vemos a maneira como ele se descreve na escrita e como descreve os outros sujeitos e o seu lugar social. Na retórica da simpatia as palavras são evocadas como fonte de persuasão do intelecto do leitor, cita-se algo que faça o leitor se aproximar emocionalmente

---

2 Dicionário completo de língua portuguesa. 8º ed. Sao Paulo, SP. Publifolha, Melhoramentos, 2000, p.295.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

daquela situação ou da reivindicação posta. Busca-se incitar a simpatia através da descrição acentuada do sofrimento ou sentimentos de outrem. Assim, como veremos no trecho seguinte utiliza-se uma metodologia em que uma argumentação lógica e coerente, pode ser adaptada para fazer-se o apelo às emoções (CAREY, 2005, p.25).

Nas palavras do autor:

*A escravidão, por felicidade nossa, não azedou nunca a alma do escravo contra o senhor – falando coletivamente – nem criou entre as duas raças o ódio recíproco que existe naturalmente entre opressores e oprimidos.* Por esse motivo, o contato entre elas sempre foi **isento de asperezas**, fora da escravidão, *e o homem de cor achou todas as avenidas abertas diante de si* (NABUCO, 2000, p.16, grifos nosso).

Nesse caso o que seria racional de se observar, isto é, o sentimento de ódio, como ele mesmo diz, naturais numa relação entre opressor e oprimido, torna-se na retórica da simpatia, uma fórmula rejeitada em troca da representação e dissertação de uma cordialidade sentimental, o que de acordo com Carey (2005, p. 25-6) seriam estratégias de alteração do humor do leitor ou ouvinte que prenderia a atenção na contra-argumentação criada pelo próprio autor, isto é, nas exceções. Por outro lado, vê-se que a preocupação a que ele se refere é com a relação entre senhor e escravo, e mesmo apontando o ódio como sentimento natural entre opressor e oprimido, posiciona a escravidão como exceção.

Outro ponto de destaque nesse trecho, é que Nabuco se posiciona como entendedor do que se passava na alma das pessoas escravizadas quando afirma que a “escravidão, por felicidade nossa, não azedou nunca a alma do escravo contra o senhor” e “nem criou entre as duas raças o ódio recíproco que existe naturalmente entre opressores e oprimidos”. A partir dessa descrição faz-se necessário nos questionarmos: como ele sabia que a escravidão não havia prejudicado (azedado) a alma das pessoas escravizadas? Ou mesmo, como afirma que essa relação entre senhor e escravizado não era conflituosa a ponto de criar-se o ódio? Existem registros de pesquisas que abordam o modo como as pessoas escravizadas lidavam com o cotidiano, como se relacionavam com os seus senhores, e os sentimentos muitas vezes expressos por meio de atos entre senhor e escravo. A exemplo a obra de Sidney Chalhoub, *Visões da Liberdade* (2011), é possível verificarmos que as pessoas escravizadas expressavam de alguma forma seus sentimentos pelos senhores, e agiam as vezes em favor de si mesmas nessa relação. Desnecessário dizer que tais pesquisas são posteriores a escrita de Nabuco, entretanto abordam o período no qual o abolicionista estava inserido. O que nos importa é perceber que, com tal argumentação talvez o autor declara uma naturalização de alguma violência ou conflito que houvesse na relação entre senhor e escravizado, e sinaliza a ausência

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desses sentimentos também como motivo de anulação de problemas futuros para o escravizado fora da escravidão.

Ainda no mesmo trecho Nabuco também afirma que, “o homem de cor achou todas as avenidas abertas diante de si”, contudo cabe lembrar que a situação que estava posta naquela sociedade não havia espaço para que o africano pudesse usufruir dos seus direitos como um cidadão, pois “a situação de estrangeiro e ex-escravo demarcava o seu lugar social” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 60). E não houve grandes avanços de leis que permitissem a emancipação dessas pessoas além das conhecidas lei Eusébio de Queiroz de 1850 que estabeleceu algumas restrições para o tráfico de escravizados, e a lei do Ventre Livre de 1871<sup>3</sup>. Ou seja, nenhuma foi suficiente para “abrir as avenidas” a frente das pessoas escravizadas como descreveu Nabuco, mas havia talvez uma tentativa de apresentar ao leitor algum tipo de abertura do sistema escravista com relação a liberdade e possibilidades de cidadania para as pessoas escravizadas. Podemos perceber na escrita de Nabuco, que o problema da escravidão se torna então um problema de moralidade, em que não se deve manter dois tipos contrários como por exemplo – senhor e escravo –, ele tende a afirmar várias vezes que sofrimento era igual, tanto para o senhor como para as pessoas escravizadas.

Para ele:

*Os abolicionistas*, que querem conciliar todas as classes, e não indispor umas contra as outras; que não pedem a emancipação no interesse tão somente do escravo, mas do próprio senhor, e da sociedade toda; **não podem querer instilar no coração do oprimido um ódio que ele não sente**[...] (NABUCO, 2000, p.17, grifos nosso).

Ou seja, destaca que a função do abolicionista não deve ser a de incitar o ódio, sobretudo porque o medo da insurreição escrava era real e constante. Mas ele afirma que este seria um ódio que o sujeito escravizado “não sente”, novamente o autor se faz conhecedor dos sentimentos das pessoas escravizadas. Como poderia ele saber que o “oprimido” não sentia ódio? Que tipo de controle discursivo é esse que determinava as sensações do outro? Percebe-se que a retórica do autor afirma aquilo que ele deseja não apenas sobre si, sobre como se quer ser visto, mas sobre o outro, sobre como o outro deve ser visto. Mais adiante Nabuco afirma que, “A propaganda abolicionista, com efeito, não se dirige aos escravos. Seria uma covardia, inepta e criminosa, e, além disso um suicídio político para o partido abolicionista, incitar à insurreição, ou ao crime, homens sem defesa [...]” (NABUCO, 2000, p. 17, grifo nosso). Nesse

---

<sup>3</sup> A lei do Ventre Livre foi a primeira legislação de cunho abolicionista no Brasil imperial, o texto determinava que os filhos de mulheres escravas nasceriam livres desde a data de instituição da lei, 28 de setembro de 1871.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

trecho é curioso notar a afirmação a quem a propaganda não era destinada. Se a propaganda abolicionista não era destinada às pessoas as quais ele pretendia defender, então a quem era? Ao leitor, a classe da qual ele fazia parte, seus compatriotas de quem ele reivindicava apoio, simpatia. E diz mais:

*A emancipação há de ser feita, entre nós, por uma lei que tenha os requisitos, externos e internos, de todas as outras. É assim, no Parlamento e não em fazendas ou quilombos do interior, nem nas ruas e praças das cidades, que se há de ganhar, ou perder, a causa da liberdade* (NABUCO, 2000, p.18, grifos nosso).

A emancipação há de ser feita entre “nós”, ou seja, o movimento proposto por Nabuco visava defender e lutar pelos escravizados e pelos libertos, mas, não com eles, e sim entre “nós” o Parlamento. Entre os homens que tinham a posse da voz, da ação, das leis, mas não entre a opinião pública, ou mesmo aqueles e aquelas que realmente viviam os males que ele mesmo denuncia da escravidão. Não entre os quilombos, as ruas, as praças da cidade. De acordo com sua visão:

A vida, do berço ao túmulo, literalmente, debaixo do chicote é uma constante provocação dirigida ao *animal humano, e à qual cada um de nós preferiria, mil vezes, a morte*. Quem pode, assim, condenar o suicídio do escravo como covardia ou deserção? (NABUCO, 2000, p.18, grifos nosso).

A afirmação do autor contém uma retórica que aproxima o leitor da situação das pessoas escravizadas e convida-o a acessar seus sentimentos e a sentir junto com ele e com aqueles que praticavam o suicídio por não suportar viver “debaixo do chicote”. A utilização da retórica da simpatia aparece aqui como uma forma de sensibilidade mútua, em que se usam palavras que relaciona o leitor ao mesmo grupo daqueles aos quais se apresenta o sofrimento, nesse caso Nabuco utiliza o termo, “animal humano” assim relaciona tanto ele, como o leitor e, as pessoas escravizadas, a um conjunto maior, a espécie humana (CAREY, 2005, p.5). Na política antiescravista britânica essa ética da benevolência era muito popularizada, apresentação de argumentos morais apontando a escravidão como empecilho para o progresso e descrevendo o escravizado como “um homem de virtude natural e sensibilidade, que foi oprimido por vários vícios da civilização e ainda capaz de receber seus maiores benefícios” (DAVIS, 1999, p.45-8). Mas, que era um sujeito visto como criança inocente que devia ser protegida dos males da escravidão. Da mesma forma Nabuco descreve as pessoas escravizadas:

Os escravos, em geral, não sabem ler, não precisam, porém, soletrar a palavra liberdade para sentir a dureza da sua condição. *A consciência neles pode estar adormecida, o coração resignado, a esperança morta: eles podem beijar com reconhecimento os ferros que lhes apertam os pulsos; exaltar-se, na sua triste e tocante degradação, com a posição, a fortuna, o luxo do seu senhor; recusar a*

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*alforria que este lhes ofereça, para não terem que se separar da casa onde foram crias [...] esquecer-se de si mesmos como o asceta*, para viverem na adoração do deus que criaram, prontos a sacrificar-lhe tudo (NABUCO, 2000, p.20, grifos nosso).

A consciência adormecida, o coração resignado, a esperança morta, o que se poderia esperar desses sujeitos? Para Nabuco, talvez, apenas o agradecimento aos ferros e a adoração aos seus senhores. Essa narrativa de que as pessoas escravizadas preferiam a escravidão do que a liberdade, era muito comum na época, e utilizada também como forma de justificativa da continuidade da escravidão. Porém, temos exemplos de que a situação não caminhou dessa maneira. O exemplo clássico, é a revolução Haitiana (1791-1804) que mesmo depois do acontecimento as movimentações e ideias de liberdade foram disseminadas para outras áreas escravistas assim como o Brasil. Desse modo, cabe ressaltar que após a revolução Haitiana delegada pelas próprias pessoas escravizadas, espalhou-se o medo e receio entre os escravocratas, pois culminou na destruição da economia de plantação, e na liberdade e independência das pessoas escravizadas da região. De acordo com DAVIS (1999), líderes de países como Cuba, Brasil e Estados Unidos, se posicionaram em defesa e temor que o mesmo viesse acontecer em seus locais. Nesse sentido, não apenas Joaquim Nabuco sinaliza um receio em uma retórica que diminui a capacidade de revolta das pessoas escravizadas, mas também, e “especialmente, os proprietários de escravos [que] nunca mais poderiam ser completamente confortável com a noção de que os negros realmente preferiam a escravidão a liberdade” (DAVIS, 1999, p.72).

Adiante, Joaquim Nabuco questiona se não foi a escravidão capaz de criar, “um tipo heróico de abnegação e desinteresse, e esse não o senhor, mas o escravo?” (NABUCO, 2000, p. 20, grifos nosso). Ou seja, para ele as pessoas escravizadas tornaram-se heroínas da abnegação de seus próprios interesses. O herói sentimental era figura muito comum nos escritos antiescravistas britânicos do século XVIII, para descrever os escravos como aqueles que por meio de sua tão grandiosa capacidade emocional superavam até mesmo as torturas físicas (CAREY, 2005). A escolha das palavras nos chama atenção nessa frase, no dicionário de português encontramos a palavra ‘abnegação’ como “desprezo ou sacrifício dos próprios interesses para atender ou satisfazer as necessidades alheias.”<sup>4</sup> Poderiam haver casos desse tipo? Poderiam. Mas o que nos interessa analisar é, como esse tipo de argumentação introduz o leitor

---

4 **Dicionário: Dicionário completo de língua portuguesa.** 8º ed. Sao Paulo, SP. Publifolha, Melhoramentos, 2000.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em uma teia de sentimentalismo, talvez como uma tendência de provar ou legitimar a necessidade dos “advogados gratuitos” em defender aqueles que renegaram a si mesmos. Assim ao final da obra, talvez o leitor se convença de que é essa proposta abolicionista reivindicada por Nabuco, a maneira mais certa de acabar com a dor dessas pessoas.

A esse respeito ele questiona:

Como pode o abolicionismo que, em toda a sua vasta parte inconsciente, não é uma renovação social, *mas uma explosão de simpatia e de interesse pela sorte do escravo, azedar a alma deste, quando trezentos anos de escravidão não o conseguiram?* (NABUCO, 2000, p.20, grifos nosso).

Se trezentos anos de escravidão não “azedaram a alma” das pessoas escravizadas, não seria o abolicionismo proposto por Nabuco com toda simpatia, a fazer isso. Salta aos olhos a tendência na utilização de termos de diminuição das capacidades humanas das pessoas escravizadas. A afirmação de que a alma não pode ter sido “azedada” pode pressupor que tais sujeitos sejam então, exatamente como ele disse antes, “heróis” por não terem seus sentimentos afetados pelos males da escravidão. É importante para nós, a percepção de que esse discurso, mesmo não mencionado como discurso racista nos moldes que hoje conhecemos, encerra um grupo de pessoas em um discurso de condição ou sub-humana, ou sobre-humana, isto é, que não sentem ou que de tão supra-humano e abnegados, não se deixam sentir.

Mas perceba que ele utiliza essa narrativa talvez no intuito de validar a bondade inestimável do abolicionismo, ele diz: se a escravidão não “azedou” a alma do escravo, não seria o abolicionismo com sua “explosão de simpatia” que o faria. O termo “simpatia”, de acordo com Brycchan Carey (2000, p. 5), foi central nas teorias filosóficas do sentimentalismo do século XVIII, pois envolveu a discussão sobre a sociabilidade humana, a simpatia entra então no rol das definições e percepções de comportamentos humanos sensíveis e sentimentais, junto a outras palavras que eram utilizadas para descrever atitudes humanas sentimentais relacionadas com o mundo. Nos escritos de campanhas políticas e poemas que visavam a atenção sentimental do leitor, como é o caso do abolicionismo, palavras como simpatia, benevolência, caridade, humanidade eram muito utilizadas como atitudes modelares que expressavam o sentimentalismo humano. Assim o leitor saberia que se agisse a partir de alguns desses valores sua sensibilidade humana estaria sendo aspirada.

Para Nabuco, esse mesmo abolicionismo que explode simpatia é uma propaganda, ele enfatiza que a propaganda abolicionista: “dirigida contra uma instituição e não contra pessoas.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Não atacamos os proprietários como indivíduos, atacamos o domínio que exercem e o estado de atraso em que a instituição que representam mantém o país todo” (NABUCO, 2000, p.20-21). Cabe a reflexão, se o ataque não era direcionado às pessoas nem aos indivíduos, então o domínio da ordem do Estado era dirigido como? Não eram pessoas que exerciam o domínio do Estado? Não eram pessoas que mantinham o funcionamento de uma instituição? Não são pessoas que ocupam esses espaços as quais ele direciona seu discurso? Mas essa retórica deixa claro que o autor se direcionava não aqueles das quais ele e boa parte do Estado temiam as insurreições, mas aos que defendiam uma promoção da abolição pelas vias pacíficas e legalizadas.

Por outro lado, os fatos de 1880 por exemplo, indicam que em várias regiões do Brasil “a resistência escrava começava enveredar por novos caminhos” (MACHADO, 2010, p. 97), e as pessoas escravizadas passavam mais especificamente a reivindicar a liberdade. E era por essa liberdade, que Nabuco sinaliza que talvez não tivessem consciência ou que, abnegados abriam mão para agradecer e sacrificar-se pelos seus senhores, que as pessoas escravizadas estavam a agitar as fazendas promovendo fugas em um contexto em que a instituição escravista ia perdendo sua legitimidade e delineava-se uma crise na estrutura social (MACHADO, 2010).

Entretanto, a ordem do abolicionismo proposta por Nabuco era: “Quanto mais crescer a obra do abolicionismo, mais se dissiparão os receios de uma guerra servil, de insurreições e atentados.” (NABUCO, 2000, p.20). Propagandeia então o crescimento de uma obra que reivindicasse passividade, que não era direcionada aos que poderiam se sentir atacados, por exemplo, aqueles que mantinham a instituição a qual ele direcionava seu discurso. E talvez, com essa descrição propunha mostrar que mesmo o abolicionismo era capaz de reter o motivo de temor geral que se espalhava.

No âmbito da relação entre senhor e escravo esse mesmo abolicionismo deveria se atentar ao fato de que, segundo Nabuco “[...]a nossa propaganda não pode, por consequência, tender a criar entre senhores e escravos senão sentimentos de benevolência e solidariedade. (NABUCO, 2000, p. 21). Ou seja, a propaganda não visava incitar conflitos, e sim sentimentos de bondade. A moral, o sentimentalismo e a apresentação de uma passividade é frequente na retórica propagandista de Nabuco, em um clima de tensão e crise na instituição que era base de sustentação da nação, essa retórica da simpatia transmite ao leitor uma atmosfera de controle e preocupação com a manutenção da ordem e a não provocação dos sentimentos de ódio e revolta. Na retórica da simpatia as palavras são utilizadas como fonte sublime, em parte para transmitir

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a representação do sofrimento através das palavras como forma de incitar a imaginação do leitor e despertar o seu emocional. De acordo com Brycchan Carey, nos estudos das emoções, Edmund Burke em *A Philosophical Enquiry (1756)*, identificou que os sentimentos de simpatia, imitação e ambição são os que estão mais ligados socialmente, e o primeiro deles, a simpatia, é aquele que nos permite a comoção pelo sofrimento alheio e a imersão na preocupação do outro, seria então esse sentimento uma representação de um certo gosto humano por ilustração de dor e sofrimento. Para Burke, a palavra é o que vai produzir o som, a imagem e a afeição no leitor, isto é, a simpatização e no caso dos escritos antiescravistas seria a simpatia para com a causa do escravo por meio do apoio à abolição (CAREY, 2005, p. 29-31).

Percebermos como a retórica da simpatia aparece na escrita de Nabuco na qual podemos identificar meios de possível tentativa de convencimento do leitor pela causa que ele propõe, e como ele posiciona sua proposta, como desenha a imagem das pessoas escravizadas para elevar a causa abolicionista. É importante ressaltar, essa retórica aparece na escrita do autor de forma dispersada, há momentos da obra em que Nabuco foca em convencer o leitor por meio de argumentos jurídicos baseado em leis, em fatos históricos, e outros momentos apela para a moralidade e para a sentimentalidade. Contudo, focamos nosso olhar principalmente nas partes na qual o autor se refere as pessoas escravizadas, para observarmos como ele as posiciona e posiciona a si mesmo e aos seus compatriotas e, por meio de quais palavras e expressões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desnecessário dizer que, não se busca aqui cobrar que Nabuco deveria ter feito outro tipo de argumentação, mas perceber as mudanças ao longo da retórica para alcançar a simpatia do leitor. Ao final da obra o autor enfatiza: “nenhuma das grandes causas nacionais que produziram, como seus advogados, os maiores espíritos da humanidade, teve nunca melhores fundamentos do que a nossa” (NABUCO, 2000, p. 171). Ou seja, a causa abolicionista proposta nessa retórica seria a melhor fundamentada. Independente de qualquer que tenha sido o motivo exato para o ultimato da abolição da escravidão, o nosso interesse é pelos efeitos psicológicos emocionais ligados à retórica subversiva no livro de propaganda de Nabuco. Pois, essa retórica da presença e da intensificação repetitiva visa estimular alguma ação do leitor através dos sentimentos narrados que também se ligam e reforçam as relações sociais. Como afirma Hunt, mesmo que a escrita como meio de comunicação aumentou as chances de estímulos da empatia,

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

isso não assegura que as pessoas realmente agiam com base na emoção empática (HUNT, 2009, p. 212). Para os adeptos dessa retórica, em sua maioria escritores de romance do século XVIII, a identificação emocional do leitor “mostrava que o despertar de uma paixão podia ajudar a transformar a natureza interior do indivíduo e produzir uma sociedade mais moral” (HUNT, 2009, p. 58).

A simpatia tinha um significado de “faculdade moral”, era visto como o sentimento capaz de externalizar a solidariedade em ações, o que faria os indivíduos olharem para além de si mesmos e a sentirem compaixão pelo sofrimento alheio (HUNT, 2009, p. 65-6). Assim, a moralidade do indivíduo seria concretizada ao passo em que ele como leitor se identificasse com o sentimento ali retratado. Nossa análise advém da interpretação das expressões utilizadas pelo autor para se referir as pessoas escravizadas, e para descrever ao leitor a importância do abolicionismo. Interpretação com base nas teorias de retórica da simpatia e técnicas de argumentação. Cabe ressaltar que não se buscou aqui alcançar a consciência e inconsciência do autor, mas sim perceber a linguagem utilizada, que seria a impressão em que por meio da oratória ou escrita, o autor dá de si mesmo (PERELMAN & TYTECA, p.363).

De outro modo, nossa pesquisa também reivindica a problematização de uma historiografia que por muito tempo permaneceu reproduzindo, através de expressões muitas vezes naturalizadas, um discurso de inferiorização e estigmatização das pessoas escravizadas como infantis e sem consciência. A problematização dessa retórica se funda na ideia da necessidade de nos desvencilharmos da reprodução de uma única história contada pelos que ficaram conhecidos como iluminados, letrados, tutores, salvadores. Algumas das pesquisas citadas como, de Sidney Chalhoub (1990) e Maria H. P. T. Machado (1994) podem servir para lembrarmos que o projeto abolicionista de Joaquim Nabuco, não foi o único modo de contribuição para abolição. Os motins, as fugas, insurreições e movimentações das próprias pessoas escravizadas, também foram projetos abolicionistas, e que em muitos locais passou longe do modo resignado como o autor descreve essas pessoas.

É expressamente importante nos desvencilharmos da insistência em considerar o abolicionismo e principalmente, a figura de Joaquim Nabuco a uma imagem de tutor daqueles que nadam podiam fazer por si. Citamos alguns episódios de insurreição escrava, não como forma de comprovar incoerência na escrita do autor, por outro lado, perceber que Nabuco envereda uma retórica generalizada quando se refere as pessoas escravizadas. Nos voltamos também a existência de um discurso normatizador sobre as capacidades intelectuais e a

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

diferenciação sentimental dos africanos e seus descendentes. A incapacidade de oposição, de reivindicação de seus direitos, restando a estética da resignação e esperança na bondade do senhor, ou de uma figura superior. Discurso esse, que atravessa os tempos e permanece sendo reproduzido, com outras simbologias e sutilezas, mas, com o mesmo fundamento.

Ainda experienciamos situações em que “aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica” (FANON, 2008, p.104). Desse modo, é importante compreender que a fala pode ser a base e ferramenta poderosa para a persuasão, e em nossa análise vimos como foram descritas as pessoas escravizadas. Uma fala que posiciona, que define, determina e se faz conhecedora dos sentimentos do outro. E se pensarmos pelo viés de que “naquela época era assim”, e não problematizarmos esse tipo de discurso, talvez estejamos justificando fatos como a escravidão e a inferiorização das pessoas negras. Em diálogo com Perelman e Tyteca, em uma análise de retórica na tentativa de discernir uma técnica de argumentação “somos obrigados a interpretar as palavras do orador, a suprir os elos faltantes, o que nunca deixa de apresentar riscos.” Porém, a afirmação de que as convicções do autor e a resposta emocional do leitor esteja de acordo com a teoria na qual nos apoiamos, “não passa de uma hipótese mais ou menos provável” (PERELMAN & TYTECA, 1996, p. 210-12).

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALONSO, Angela. **Flores, Votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- ALONSO, Angela. “**Ele era um liberal, não um socialista**”. In: MORAES, Fabiana. *Nabuco em pretos e brancos: um olhar sobre o abolicionista e o racismo de um país onde o status embranquece negros – e, quando ausente, escurece a pele alva*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; *Jornal do Commercio*, 2012.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Quem precisa de São Nabuco?** In: *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, ano 23, nº1, pp. 85-97, 2001.
- CAREY, Brycchan. **British abolitionism and the rethoric of sensibility. Writing, Sentiment and Slavery, 1760-1807**. New York: Palgrave Mac Millan, 2005.
- CAIXETA, Marcus Vinícius Gomes. **De Londres a Washington, da cidadania à soberania nacional: o anti-republicanismo, o pan-americanismo e o “projeto” de Joaquim Nabuco**. Dissertação (Mestrado em sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- DAVIS, David Brion - **The problem of slavery in the age of revolution, 1770-1823**. (1999, Oxford University Press).
- Dicionário completo de língua portuguesa. 8º ed. São Paulo, SP. Publifolha. Melhoramentos, 2000.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. EDUFBA, 2008.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- MACHADO, M. H. **O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição**. Rio de Janeiro: UFRJ, EDUSP, 1994.
- NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Publifolha, 2000.
- SILVA, Adriana Maria Paulo da. Escolarização e cor nos tempos de Nabuco. In: MORAES, Fabiana. **Nabuco em pretos e brancos: um olhar sobre o abolicionista e o racismo de um país onde o status embranquece negros – e, quando ausente, escurece a pele alva**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; Jornal do Commercio, 2012.
- PERELMAN, Chaim & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. & GOMES, Flávio dos Santos. **Dicionário da Escravidão e Liberdade**. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.
- TURIN, Rodrigo. **Tessituras do tempo**: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.